

## NOS “SINAIS” DA CIDADE: UM ESTUDO COM AS CRIANÇAS DO MALABARES NO COTIDIANO DE UMA METRÓPOLE

Túlio Campos<sup>147</sup>  
FAE/UFMG  
[tulio.camposcp@gmail.com](mailto:tulio.camposcp@gmail.com)

### Introdução

A construção deste texto parte de uma dissertação de Mestrado que teve como objetivo investigar as práticas de sociabilidade de crianças e jovens nos sinais de trânsito, entremeadas por tempos e espaços ocupados pelo trabalho, em especial a prática do malabares, no intuito de verificar como se dão as experiências de infância na espacialidade urbana. A partir da presença das crianças na cidade, foi possível perceber a rua, *locus* da pesquisa proposta, demarcada enquanto tempo e espaço de convivência e confronto com o diferente, onde subversão de ordens e hierarquias sociais são constantes (CASTRO, 2001; GOMES e GOUVEA, 2008). Nessa perspectiva, como destaca Lansky (2012, p. 13). “as crianças recriam este universo e redefinem seus espaços para além daqueles determinados pelo mundo adulto”.

Diante da complexidade que envolvem as temáticas: *Infância, Trabalho e Espaço Urbano*, observou-se a necessidade de aproximação com os estudos da Antropologia, da Sociologia, da Educação, da Psicologia, da História, da Geografia, da Filosofia e do Lazer, em especial os estudos da Sociologia da Infância e da Antropologia Urbana, envolvendo um olhar interdisciplinar no qual essas áreas do conhecimento estabeleceram suas contribuições de forma contrastante, no sentido de possibilitar a ampliação do debate acerca de questões tão complexas. Nesse sentido, o estreitamento desses campos teóricos foi de grande valia para a coleta, análise e interpretação dos dados da investigação proposta e como nos afirma Kramer (2002, p. 45), “a infância é hoje um campo temático de natureza interdisciplinar”.

---

<sup>147</sup> Professor do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, FAE/UFMG.

Cabe apontar que os estudos da Antropologia Urbana e da Sociologia da Infância foram essenciais para a construção de ricos encontros com as crianças e jovens nos sinais. Na perspectiva da Sociologia da Infância sua contribuição partiu do desafio e da necessidade de ressignificar a visão e o lugar ocupados socialmente pelas crianças na sua formação e desenvolvimento, bem como nas suas aprendizagens e compreensão de mundo, considerando as crianças como atores sociais, diferentemente de abordagens que as concebem como um dado universal e natural. Dessa forma, considerou-se fundamental uma visão de socialização que não abordasse somente as dimensões de adaptação e internalização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução que são realizados por esses sujeitos ao negociarem, compartilharem e criarem culturas com os adultos e com seus pares.

Já a perspectiva antropológica, tendo a cidade como um dos temas de estudo, permitiu, não só o reconhecimento e registro da diversidade cultural, mas principalmente a busca do significado das experiências humanas que, não raro, aparecem de forma exótica, estranha ou até mesmo perigosa quando seu significado é desconhecido, como nos assinala Magnani (2000). Nesse aspecto, antropologia teve uma contribuição específica para a compreensão do fenômeno urbano, especialmente na análise da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade presentes nas grandes cidades contemporâneas.

Não obstante, as observações de campo permitiram apontar na cidade de Belo Horizonte processos de renovação dos espaços públicos, de uma forma desenfreada e descontínua, revelando processos de fragmentação da vida social, de redimensionando de seus fluxos, usos e apropriações. No entanto, como nos afirma Castro (2001), a cidade provê o espaço das relações inusitadas, de práticas sociais que a produzem e a reproduzem de maneira diversificada e múltipla.

A etnografia, metodologia adotada nesta pesquisa, possibilitou averiguar que os significados conferidos à prática do malabares nos sinais, ocasionados pela aproximação/associação desta atividade com o circo e/ou teatro, não raro, tomado enquanto espetáculo pelos diferentes sujeitos que compõem o contexto pesquisado, provocou reflexões referentes ao “ocultamento” da exploração do trabalho infantil no âmbito urbano. A “imagem” ou “mensagem” que o malabares transmite como um show/espetáculo foi entendido enquanto uma das estratégias de trabalho realizadas pelas crianças e jovens, dentre outras observadas ao longo da pesquisa de campo. Os dados

coletados também assinalaram para uma grande diversidade de brincadeiras compartilhadas entre as crianças e os jovens nos sinais durante a prática do malabares, de modo que não foi possível perceber uma separação nítida entre o brincar e o trabalho. Constatou-se ainda que a rua se configura enquanto um espaço de sedução e perigo para os sujeitos da pesquisa, o que nos ajudou a compreender a complexidade envolvida na atividade do malabares e sua relação com o contexto da cidade.

No caso da realidade pesquisada – uma metrópole – constatou-se a tensão entre ser criança e sua relação com o mundo do trabalho explorado. Pesquisas relacionadas à temática – Infância e Trabalho – destacam que a presença da criança no cotidiano do trabalho explorado compromete o tempo de sua infância, “sonegam o tempo para o lúdico, afeta a escolarização e, consecutivamente, detona situações de constrangimentos que repercutem na construção da identidade da criança” (SILVA, 2001, p. 10). Frente a isso, tais apontamentos levaram-me a problematizar como as crianças, – entendidas como uma categoria social –, realizam suas experiências no contexto da cidade, principalmente nos aspectos que se referem à exploração do trabalho infantil. Junto a isso, cabe assinalar que os estudos referentes à temática do “Espaço Urbano” ajudaram a construir, na pesquisa, um novo olhar acerca das ações das crianças na cidade.

### **Na Rua: *tecendo os lugares***

O estudo partiu do princípio de que a rua representa palco da diversidade (CASTRO e CORREA, 2005), sendo reivindicada pelas crianças e jovens como espaço de criatividade e emancipação, um contexto que se faz com a presença de sujeitos singulares que constroem as pluralidades do espaço citadino, tornando-se espaço da produção e da reprodução social (KRAMER, 2002; LEFEBVRE, 2002). A vida urbana – no caso, o cotidiano das crianças nos sinais – fez-se marcada pelo campo das relações sociais inusitadas, pela característica do diverso, do diferente que é apresentado e representado em seu cotidiano. A “vivência compartilhada” com as crianças nos sinais de trânsito da cidade de Belo Horizonte mostrou-me que, como aponta Marques (2000, p. 37):

[...] apesar de estarem submetidas a condições que violam seus direitos sociais, esses pequenos trabalhadores convivem com um mundo simbólico vasto e complexo, e que, além de comporem um campo imaginário que os cercam, criam situações que visam burlar representações negativas que lhes são impingidas.

Dentre os motivos que levavam as crianças à prática de trabalho na cidade, destacou-se no estudo: a busca de melhores condições de vida para as famílias, o complemento da renda familiar, a necessidade de sobrevivência, a possibilidade de criar novos vínculos de amizade, o deslocar-se do bairro até o local das práticas de trabalho, o ficar com os amigos e o brincar no local. Outro fator de importante destaque foi que as crianças trabalhavam nas ruas em diferentes horários e dias da semana, abrangendo os finais de semana, feriados e também horários noturnos, sendo que alguns adentravam pela madrugada, em dias de grande necessidade financeira. Junto a isso, estavam expostas a diversas situações de perigo que enfrentavam no seu cotidiano. Foram verificadas várias circunstâncias ameaçadoras que colocavam a dignidade pessoal e a vida em situações alarmantes, como: assédio sexual, furto, humilhação, brigas, atropelamentos, assalto, exploração sexual e sequestros.

Num primeiro momento da pesquisa, os estudos da Antropologia e da Sociologia da Infância foram essenciais para a construção de ricos encontros com as crianças nos sinais. Essa escolha foi também evidenciada pelas contribuições que ambas as áreas de conhecimento ofereceram à pesquisa desenvolvida durante minha graduação em Educação Física<sup>148</sup>. Mesmo com a experiência de aproximação junto às crianças em situação de trabalho na cidade de Belo Horizonte, fiquei muito apreensivo durante as idas ao campo. Desse modo, o contato com as literaturas fizeram surgir novas indagações, tais como: (a) *Com quais crianças a pesquisa seria construída?* (b) *Por que realizar uma pesquisa com as crianças em Belo Horizonte?* (c) *Por onde começar?* (d) *Qual local escolher?* (e) *Como elegê-lo?* (f) *Como elaborar estratégias metodológicas que não colocassem as crianças e o pesquisador em algum tipo de risco?* (g) *Qual postura tomar diante das crianças?* (h) *O que seria observado?* (i) *O que anotar no caderno de campo?* (j) *Como proceder eticamente com as crianças?* entre outras.

No desafio de construir um estudo pautado no contexto em que as crianças dos sinais vivenciam seu cotidiano, utilizei como procedimento metodológico à *observação participante*. Ao longo do trabalho de campo realizei anotações em um caderno no qual registrei: o cotidiano da cidade; anotações minhas e das crianças; as ações das crianças

---

<sup>148</sup> Trabalho desenvolvido durante a minha graduação Educação Física, intitulado: *Crianças nos Sinais: um olhar sobre o trabalho infantil e as possibilidades e impossibilidades de vivências do lazer nas ruas de Belo Horizonte*. Disponível em: <[http://www.eeffto.ufmg.br/licere/pdf/licereV10N01\\_a7.pdf](http://www.eeffto.ufmg.br/licere/pdf/licereV10N01_a7.pdf)>. Acesso em 21 de fevereiro de 2017.

no *locus* do estudo e desenhos (meus e das crianças). Em conjunto com as observações de campo foram elaboradas outras duas propostas: na *primeira*, uma oficina de fotografia onde as crianças realizaram o registro de fotos e vídeos de suas práticas no espaço da cidade; na *segunda*, uma “entrevista” tendo como foco principal um relato das crianças e jovens a partir dos seus registros fotográficos.

A inserção no campo permitiu acompanhar um total de 22 crianças e jovens, sendo três entre 9 e 10 anos; quatorze entre 13 e 14 anos; três entre 15 e 17 anos; duas entre 18 e 19 anos. Um dos grandes desafios durante o contato com os sujeitos da pesquisa foi à criação de vínculos, uma vez que muitos deles frequentavam por pouco tempo os espaços, cujos encontros eram muito imprevisíveis e dinâmicos. Constantemente chegavam novos membros no grupo. Consegui acompanhar alguns deles durante os aproximados 12 meses propostos pela pesquisa no ano de 2009. Todavia, outros permaneciam meses, se ausentavam e, em alguns casos, retornavam. Houve episódios em que alguns sujeitos apareceram somente em um único dia e não retornaram mais. Nesse aspecto, constituiu uma grande provocação conseguir estabelecer relações mais próximas com aqueles que não estavam presentes mais firmemente. Cotidianamente era suspeito de pertencer a algum órgão fiscalizador, tal como o Conselho Tutelar e/ou “Policial disfarçado”. Nas vezes em que fui apresentado a um novo membro do grupo, este logo me indagava: **“Você é policial disfarçado, né?”** ou **“Você não é dos tutelares não, né?”** Essas foram algumas das interrogações ouvidas durante muitos momentos da pesquisa.

O fato de estar sempre sob suspeita, além de revelar o caráter de uma atividade ilícita realizada pelas crianças e jovens participantes desta pesquisa, levou-me a desenvolver algumas estratégias de aproximação junto aos sujeitos como, por exemplo, mostrar cotidianamente minha carteira de identidade estudantil e da biblioteca da universidade e, também, disponibilizar as anotações que realizava no caderno de campo.

Assim os registros eram constantemente lidos e, não raro, solicitavam que a ilustração dos dados fosse complementada com desenhos confeccionados por eles próprios. Essa inusitada experiência constituiu, neste estudo, um importante instrumento de aproximação e interação com os sujeitos.

## **Nos “Sinais” da Cidade: o contexto do malabares**

Neste estudo, a permanência das crianças e jovens no cotidiano do trabalho foi averiguada, predominantemente, nos finais de semana<sup>149</sup>. Alguns dos sujeitos pesquisados justificaram a presença nos sinais aos finais de semana ocasionados pelo tempo destinado aos estudos durante os dias ditos úteis. De início, esse dado nos ajuda a apontar que esse tipo de jornada de trabalho compatibiliza a frequência escolar dos pequenos trabalhadores, uma vez que a maioria dos sujeitos acompanhados, com exceção de dois jovens com 18 e 19 anos, afirmou frequentar a escola. Por outro lado, sobretudo, essa jornada ocupa e compromete outras experiências sociais no âmbito do lazer, do repouso, do convívio familiar e comunitário. Cabe aqui destacar que, isso não significa que as experiências no âmbito do lazer e/ou da família sejam vivenciadas somente nos finais de semana, mas predominantemente, já que durante a semana, nos dias ditos úteis, as jornadas escolares das crianças<sup>150</sup> e de trabalho dos familiares impedem encontros mais formais.

Minha aproximação junto às crianças e aos jovens do malabares nos sinais, possibilitou compreender diversos aspectos que circunscrevem o cotidiano dos pequenos trabalhadores em situação de rua na cidade de Belo Horizonte. Durante a análise e interpretação do material coletado para este trabalho, pude identificar que as crianças e os jovens nos sinais elaboraram diferentes estratégias para organizar a prática do malabares. Essas estratégias utilizadas tiveram como principal objetivo auferir uma maior quantia de dinheiro ao final do dia de trabalho.

Para as crianças e jovens nos sinais, o malabares, além da definição como prática de trabalho destacado por alguns, também foi considerado um show/espetáculo, muitas vezes, também traduzido por eles próprios como teatro ou circo, como nos diz uma das crianças: “**É Teatro! A gente se apresenta.**” (C.7). Essa passagem expressa a

---

<sup>149</sup> Apenas um dia da semana consegui observar a presença de crianças no local realizando o malabares, em uma sexta-feira pela manhã. Todavia, com as observações durante os dias ditos úteis fez-se possível verificar em outros locais da cidade a presença de crianças nos sinais exercendo algum tipo de trabalho, tais como, vigias e lavadores de carros, panfletagem (pedinte); lavadores de para-brisas e vendedores de balas.

<sup>150</sup> Com o discurso de que a rua é o lugar da marginalidade, do perigo e da violência, frequentemente, reforça-se no cenário brasileiro o discurso de que *o lugar de criança é na escola* (GOMES; GOUVÊA, 2008). Dessa forma, ampliam-se projetos e programas sociais e educacionais com o objetivo de assegurar maior permanência da criança nas instituições educacionais. Nesse sentido, de acordo com Gomes (2008, p. 87), “embora a organização do trabalho tenha sofrido profundas alterações nas últimas décadas, não houve substancial alteração quanto à ideia de que *lugar de criança é na escola* – de fato a presença na escola tem se ampliado na maioria dos países, e continua sendo objeto de políticas públicas para sua ampliação”.

apropriação de uma atividade (que pode ser tanto o circo quanto o teatro) que traz consigo aspectos culturais, históricos e sociais, implicando em questionamentos que circunscrevem a temática da exploração do trabalho infanto-juvenil no contexto da cidade, tais como, por exemplo: *de que forma essa semelhança ou associação da prática do malabares nos sinais com os trabalhos artísticos, como o circo e o teatro, sugere “novas” estratégias de trabalho no contexto da cidade?*

Nesta pesquisa as estratégias utilizadas pelas crianças e jovens nos sinais destacaram-se, pela criatividade e inventividade desses sujeitos, expressas nas falas, nos gestos corporais, nas brincadeiras, na percepção do tempo e do espaço, na forma como se aproximam dos motoristas e transeuntes e nas relações que estabeleceram com seus pares.

Foi interessante observar que a atividade do malabares ganha “forma” e chama a atenção pela maneira como as crianças e os jovens se apropriaram desta prática no seu cotidiano nos sinais. Uma estratégia de convencimento muito comum das crianças e jovens do malabares era o “anúncio do show”, realizado pelo jogo de palavras rimadas e assobios, como forma de chamar atenção dos “espectadores”. Assim, logo que a pirâmide já estava formada, diziam:

“Olha o show pessoal, valendo moedinha, heim! Obrigado pela atenção, colabore de coração. Deus abençoe!” (Caderno de Campo, p. 7, 2009).

Se observarmos a expressão “show”, destacada pelo dicionarista Aurélio (1986), veremos que na sua definição circunda diversos sentidos, tais como, “entretenimento, diversão, espetáculo, representação, exibição” etc. O *show*, sinônimo da palavra “espetáculo”<sup>151</sup> associado ao entreter, tem como objetivo atrair a vista e prender a atenção, despertando algum tipo de sentimento no público, podendo ser ele de medo, de ansiedade, de alegria, de exaltação, de realização etc. Portanto, esses dados nos fazem apontar que a atividade do malabares nos sinais, tomada como um *show/espetáculo*, busca na sua essência uma representação pública, uma exibição, que procura impressionar e entreter os motoristas e transeuntes. Segundo os dizeres de um dos jovens:

“É uma por cima da outra. É muito difícil de você ver isso todo dia!”  
(A. 4)

Se levarmos em consideração que o objetivo das crianças e dos jovens com esse tipo de ação é transmitir a “imagem” de um espetáculo (teatro ou circo), expresso nas

---

<sup>151</sup> Do latim *espetaculu*, *ibidem*.

falas e nos gestos corporais, os motoristas e transeuntes são sensibilizados por meio da associação simbólica (BOURDIEU, 1998; MARQUES, 2000) com outras práticas culturais existentes, menos comuns no dia-a-dia. Outro autor que nos ajuda nesse tipo de interpretação é Debord (2003), quando aponta que vivemos na “sociedade do espetáculo”:

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. (DEBORD, 2003, p. 13)

De acordo com Debord (2003, p. 14), “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. Assim, não podemos deixar de frisar que esse tipo de associação perpetua o “ocultamento” da exploração do trabalho infanto-juvenil nas ruas da cidade.

### **Expressões do Brincar: *imagens, sentidos e sinais***

No contexto pesquisado pude observar também a presença do brincar em diversas ocasiões. As brincadeiras compartilhadas entre as crianças e os jovens nos sinais aconteciam entremeadas com a realização do malabares, mais frequentes no momento em que aguardavam o fechamento do semáforo. Entendidas aqui enquanto “práticas de espaço, às maneiras de frequentar um lugar” (CERTEAU, 1994, p. 50), as brincadeiras presentes no cotidiano das crianças e dos jovens nos sinais implicaram em novas formas de conceber os usos e apropriações da cidade. Nesse sentido, como assinalam Faria e Rosa (2000, p. 51):

Pretendemos pensar tal manifestação no âmbito da escola e da rua como forma de produção de práticas de resistência a um sistema que tende a excluir o brincar da vida infantil, por meio de coerções constantes em prol da produtividade e da constituição do tempo útil, entendendo a criança com ator social que não só não se conforma com as imposições sociais, mas que também resiste a elas e produz cultura.

No intuito de compreender as práticas de espaço das crianças e dos jovens na cidade, fez-se importante neste estudo, a partir de Certeau (1994), explicitar a distinção entre *lugar* e *espaço*, uma vez que, como nos aponta (FARIA; ROSA, 2000, p. 40): “tais conceitos são fundamentais à compreensão do significado a partir do qual ele concebe as práticas cotidianas”. Para Certeau (1994, p. 201) “um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos de coexistência. [...] uma configuração

instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade”. Nesse aspecto, o lugar é onde impera uma lei, um poder organizado estrategicamente. Já o *espaço* “é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram.” (p. 202). No espaço não há univocidade nem estabilidade, há, portanto, práticas.

Diante dessas considerações, os dados coletados assinalaram para uma grande diversidade de brincadeiras, tais como brincadeiras de escolha e adivinhação, danças, músicas, jogos e brincadeiras tradicionais, manifestações esportivas, dentre outras. Nesse aspecto, a maioria das atividades observadas manifestou-se no coletivo e, como nos afirmam Gomes e Gouvêa (2008), é nas brincadeiras coletivas que esses sujeitos vivenciam “conflitos, atos de solidariedade, amizade e rompimento, numa dramaticidade que teatraliza o que se observa no mundo adulto”. De maneira complementar, Gouvea (2002, p. 25) afirma que: “esse caráter coletivo da produção infantil irá também expressar-se numa sociabilidade própria, os grupos de pares. A criança necessita do grupo para situar-se no mundo, estabelecendo uma relação diferenciada com os adultos”.

De acordo com Faria e Rosa (2000, p. 51), o brincar faz parte da cultura comum e cotidiana da criança e revela-se como produção, práticas de espaço e resistência: “brincar é uma ação de concordância, de alienação, de desvio, de irrupção e de criação”.

Por meio do brincar, as possibilidades se multiplicaram e outras ações foram realizadas, questionando as imposições do uso (CARLOS, 2001; FARIA; ROSA, 2000). De acordo com Graciani (2005), as crianças e os adolescentes em situação de rua, quando brincam, realizam uma ação social transformadora que aponta para dois eixos: *no primeiro*, “nega-se a abdicar de sua participação na produção da cultura”, *no segundo*, “nega-se a aceitar a discriminação sancionada pela sociedade capitalista, distinguindo e subordinando a atividade manual à atividade intelectual, quebrando a concepção classista que reafirma a condição social e a ocupação econômica” (p. 156).

Em consonância com as evidências apontadas a partir da presença das expressões do brincar, foi possível verificar que a rua constitui um espaço de sedução e perigo para os pequenos trabalhadores nos sinais. Em termos gerais, a “sedução” esteve relacionada aos fascínios da rua, ou seja, a necessidade ou vontade de ganhar dinheiro, a enturmação, a sensação de liberdade, entre outros aspectos. Já o “perigo”, como as inúmeras circunstâncias ameaçadoras à dignidade pessoal e à própria vida desses pequenos

trabalhadores, tais como: assaltos, furtos, brigas, humilhações, assédio sexual, sobrecarga de trabalho e atropelamentos por veículos.

Ao contemplar às ações das crianças na cidade, acredito que a imensidão urbana, além da conotação de lugar de passagem, do perigo, do desvio, da violência e do medo, do trânsito de veículos, da ordem, da racionalização e do consumo (LEFEBVRE, 2002), apresenta-se como um relevante tempo e espaço de práticas de sociabilidade entre pares (GOMES e GOUVEA, 2008).

### **Algumas considerações finais**

O contexto da rua, *locus* do estudo, mostrou-se imprevisível e dinâmico, exigindo do pesquisador a criação de estratégias de aproximação junto às crianças e aos jovens nos sinais. Como relatado neste texto, um grande desafio durante o estudo foi a criação de vínculos com os sujeitos pesquisados, uma vez que muitos deles frequentavam por pouco tempo os espaços, além das complexidades que envolvem o contexto da rua. Frente a isso, o caderno de campo elaborado possibilitou o estreitamento das relações que mantive com as crianças e com os jovens, configurando-se, portanto, num importante instrumento mediador das relações entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

Tendo como objetivo principal as experiências das crianças e dos jovens no cotidiano da prática do malabares nos sinais de trânsito, verificou-se que este contexto se mostrou marcado por um universo de acontecimentos tais como: o ocultamento do trabalho explorado, associado à espetacularização deste tipo de atividade estudada; a organização do trabalho por meio da utilização de estratégias de venda e arrecadação de dinheiro; a rua enquanto um espaço de sedução e perigo; a tensão entre o brincar e o trabalho; a subversão de ordens e hierarquias e a ressignificação dos tempos e espaços da cidade.

Espero que esse estudo possa provocar outros pesquisadores e novas discussões em relação ao tema tratado aqui, considerando que ainda temos poucos estudos referentes às experiências de infância no contexto da rua, no intuito de contribuir para a formulação de políticas públicas mais consistentes para a infância e a juventude.

### **Referências**

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998, p. 17-58.

- CAMPOS, T; DEBORTOLI, J. A. O. Crianças nos Sinais: um olhar sobre o trabalho infantil e as possibilidades e impossibilidades de vivências do lazer nas ruas de Belo Horizonte. In: *Revista Licere*. Belo Horizonte, v.10, n.1, abril de 2007. Disponível em: <[http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV10N01\\_a7.pdf](http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV10N01_a7.pdf)>. Acesso em: 21 de fev. 2017.
- CARLOS, A. F. A. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.
- CASTRO, L. R. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO, L. R (Org.) *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001, p. 19-46.
- CASTRO, L. R; CORREA, J. Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In: Lucia Rabello de Castro e Jane Correa. (Org.). *Juventude Contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais*. I ed. Rio de Janeiro: NAU, 2005, v. 1, p. 09-26.
- CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Vozes: Petrópolis, 1994.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- DEBORTOLI, J. A. et al. As experiências de infância na metrópole. In: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M.; MARTINS, S. (Orgs.). *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 19-46.
- FARIA, Eliene Lopes; ROSA, Maria Cristina. Produzindo espaços, apropriando-se de lugares: o brincar da rua e da escola a partir das contribuições de Certeau. *Revista Licere*. Belo Horizonte, v. 3, n. 1. 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Positivo, 1986.
- GOMES, A. M. R; GOUVEA, M. C. S. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. In: Debortoli, J. A.; Martins, M. F. A.; Martins, S. (Orgs.). *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 47-69.
- GOUVEA, M. C. S. Infância cultura e sociedade. In: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Orgs.). *Desenvolvimento e aprendizagem*. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 5-36.
- GRACIANI, M. S. S. *Pedagogia social de rua*. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas em pesquisas com crianças. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. n. 116. 2002.
- LANSKY, Samy. *Na cidade, com crianças: uma etno-grafia espacializada*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, Jose Guilherme Cantor; TORRES, L. L. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 2. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.
- MARQUES, Walter Ernesto Ude. *Infâncias (pre)ocupadas: trabalho infantil, família e identidade*. Tese (Doutorado em Psicologia). Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

SILVA, M. R. A exploração do trabalho infantil e suas relações com o tempo de lazer/lúdico: quando se descansa se carrega pedra! *Revista Licere*. Belo Horizonte, 2001, v. 4, n. 1, p. 9-20.